

Por uma perspectiva unitária na análise interseccional em comunicação¹

For a unitary perspective in the intersectional analysis in communication

Por una perspectiva unitaria en el análisis interseccional de la comunicación

Samara Sanches Brochado

Universidade Federal Fluminense
<samara.brochado@gmail.com>

Pedro Henrique Conceição dos Santos

Universidade Federal Fluminense
<pedrohenrique.cdossantos@gmail.com>

Resumo

Neste artigo, apresentamos a importância de uma perspectiva unitária em análises interseccionais na Comunicação. Partimos da ideia de que, no momento em que há uma relação de opressão no qual, atualmente, toma uma forma específica derivada da organização socioeconômica em vigência, ela deve ser percebida de modo unitário, havendo uma dialética conexão com a esfera da reprodução social. Associando os métodos da roleta interseccional, da teoria da reprodução social com a análise de conteúdo, investigaremos como a produção de publicações do Geledés, para a rede social digital Facebook, com foco no tema “interseccionalidade”, atualiza o conceito de “classe” como categoria interseccional.

Palavras-chave: Perspectiva Unitária; Interseccionalidade; Teoria da Reprodução Social; Comunicação.

Abstract

In this article, we present the importance of a unitary perspective in intersectional analyses in Communication. We start from the idea that, presently, there is a relation of oppression in which, in current times, takes a specific form derived from the socioeconomic organization in force, it must be perceived in a unitary way, having a dialectical connection with the sphere of social reproduction. Associating the methods of intersectional roulette, the theory of social reproduction and content analysis, we will investigate how the production of publications by Geledés, for the digital social network Facebook, focused on the theme “intersectionality”, updates the concept of “class” as an intersectional category.

Keywords: Unitarian Perspective; Intersectionality; Social Reproduction Theory; Communication.

Resumen

En este artículo, presentamos la importancia de una perspectiva unitaria en los análisis interseccionales en Comunicación. Partimos de la idea de que, existiendo una relación de opresión que, en los tiempos actuales, toma una forma específica derivada de la organización socioeconómica vigente, debe ser percibida de forma unitaria, teniendo una conexión dialéctica con la esfera de la reproducción social. Asociando los métodos de la ruleta interseccional, la teoría de la reproducción social y el análisis de contenido, investigaremos cómo la producción de publicaciones de Geledés, para la red social digital Facebook, centrada en el tema “interseccionalidad”, actualiza el concepto de “clase” como categoría interseccional.

Palabras clave: Perspectiva unitaria; Interseccionalidad; Teoría de la reproducción social; Comunicación.

¹ Trabalho desenvolvido sob benefício concedido pela FAPERJ.

Introdução

O marxismo é uma corrente intelectual formada por pensadoras e pensadores que re-trabalham os escritos do filósofo alemão Marx. Trata-se de um grupo nada homogêneo que possui visões completamente diferentes a depender do viés que se debruça em suas reflexões. Um de seus desdobramentos, por exemplo, é do marxismo economicista, também chamado de “marxismo vulgar”, adequadamente criticado por diversos grupos de pensamento. Em Lukács ([1920], 2003), temos críticas sobre como a reflexão de marxistas vulgares é incapaz de entender a realidade proletária da época, em sua totalidade. Naquele momento, tal reflexão acabava por incutir que, no processo de abstração, todas as categorias deveriam ser entendidas a partir da lógica produtiva, com uma preocupação central

na percepção econômica de tais relações, ignorando a complexidade da realidade.

O empenho marxiano se debruçou em apontar as contradições da realidade da vida humana em um sistema social complexo que estava se formando a partir do capitalismo. Sua intenção era propor um pensamento que visava, de modo unitário, questionar as questões que estavam atreladas às opressões exercidas por grupos dominantes sobre outros, em posição de inferioridade na escala social.

O empenho marxiano se debruçou em apontar as contradições da realidade da vida humana em um sistema social complexo que estava se formando a partir do capitalismo. Sua intenção era propor um pensamento que visava, de modo unitário, questionar as questões que estavam atreladas às opressões exercidas por grupos dominantes sobre outros, em posição de inferioridade na escala social. Ou seja, trata-se um modo de enxergar o mundo em sua totalidade, buscando compreender como as diferentes realidades compõem um conjunto coerente nas condições materiais de existência.

Um problema de sua percepção teórico-epistemológica, que ainda precisa ser mais detalhadamente debatido, reside na exceção das singularidades. Conforme indicamos em outra oportunidade (CONCEIÇÃO DOS SANTOS, 2023, p. 97), “por conta de sua época [...], abriu-se uma brecha na reflexão marxiana que não pôde perceber a importância dos processos subjetivos das existências humanas”. É neste ponto que reside um conjunto amplo de contestações teóricas sobre o ponto de vista do filósofo alemão, uma vez que, a princípio, não abarca os modos pelos quais enxergamos a vida na contemporaneidade. Um exercício para solução deste impasse está exatamente na busca de uma retomada marxiana sobre a visão de totalidade (MORAES, 2021).

Sendo assim, destacamos que o capital não explora apenas a força de trabalho, ele atravessa todas as relações sociais na contemporaneidade (READ, 2009, p. 33). Porém, em alguns casos, a apreensão da realidade em sua totalidade é deixada de lado em aspectos

que fogem da objetividade dita científica. Todavia, ela precisa ser entendida nos termos da ontologia social (BANNERJI, 2021), o qual deriva pensar as “avenidas” interseccionais de modo unitário.

É desta posição, inclusive, que parte nossa escolha de pensar a categoria “classe” na perspectiva interseccional. Para Tithi Bhattacharya ([2015], 2018), devemos compreender “classe” complexamente, revelando uma classe poderosa, insurgente e “capaz de transcender categorias seccionais”. Ou seja, reforçando o caráter interseccional em uma análise social a partir da totalidade. Assim sendo, uma visão unitária no exercício de olhar para as diversas opressões que atravessam grupos sociais específicos.

A partir deste contexto, em nosso trabalho propomos considerar a categoria “classe” como um dos eixos na análise interseccional na Comunicação, sem incorrer em uma não interpretação da totalidade das relações sociais. Temos como objetivos específicos: 1) discutir sobre o conceito de “classe”; 2) apresentar o conceito de interseccionalidade; 3) indicar como é o atravessamento de classe para a intelectualidade negra; 4) perceber como a interseccionalidade pode ser uma ferramenta analítica; 5) perceber como “classe” aparece interseccionalmente em objetos comunicacionais.

Partimos da seguinte hipótese: no momento em que há uma relação de opressão a qual, atualmente, toma uma forma específica derivada da organização socioeconômica em vigência, ela deve ser percebida de modo unitário, havendo uma dialética conexão com a esfera da reprodução social. Para nossa investigação, utilizamos como objeto de pesquisa publicações do Geledés – Instituto da Mulher Negra, para a rede social digital Facebook, e suas respectivas matérias associadas ao material pesquisado, uma vez que compõem as publicações. Nosso estudo se organiza metodologicamente através da associação entre a análise de conteúdo (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021) e a roleta interseccional (CARRERA, 2021a; 2021b) como ferramentas para uma análise interseccional. Assim, tivemos em vista perceber como a interseccionalidade atualiza o conceito de “classe” como categoria interseccional na Comunicação.

Conceito de “classe”

Foi através da contribuição de Marx e a publicação do primeiro volume de *O Capital* ([1867], 2011) que o pensamento sobre sua perspectiva de uma luta entre classes sociais foi disseminado. Ao analisar o funcionamento do modelo capitalista, o filósofo alemão indica a questão da expropriação e de que maneira são estabelecidas relações de exploração da força de trabalho entre os que detêm os meios de produção (burguesia) e os que vendem sua força de trabalho para a produção material (proletariado). Ainda de acordo com seu escrito, as relações que estão presentes na esfera do trabalho também são reproduzidas em outras instâncias sociais, gerando contradições de classe. Essas contradições podem ser observadas através das desigualdades em que são produzidas dentro desse modelo social.

Outra contribuição relevante no pensamento marxiano reside em uma das formas como se dá a relação desigual, em que se garante uma posição de dominação e opressão por parte

daqueles que detêm os meios de produção. Ao lado de seu parceiro intelectual Engels, desenvolveu a compreensão de como funciona a ideologia, uma forma de falsa percepção da realidade em que uma maneira de enxergar o mundo se sobrepõe a outras formas.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. (MARX; ENGELS, [1845-1846], 2007, p. 47)

O termo
 “interseccionalidade”
 refere-se a uma
 abordagem analítica
 que se propõe a
 explicar opressões
 sociais, em especial
 as que se referem a
 gênero, raça e classe.

Posteriormente, graças à contribuição de Lukács, com o conceito de consciência de classe, conseguimos conceber detidamente as implicações das desigualdades reproduzidas no capitalismo. Segundo o teórico húngaro, a consciência de classe é a “reação racional adequada, que deve ser adjudicada a uma situação típica determinada no processo de produção” (LUKÁCS, [1920], 2003, p. 142). É o momento em que o indivíduo compreende sua posição na sociedade, em que se entende a vida como ela é, na totalidade da realidade.

Esse conjunto de relações de classe estabelecidas socialmente, é complexificada na contemporaneidade quando consideramos a repercussão de áreas como o consumo, o poder aquisitivo e a ascensão da classe média. “Classe” deixa de ser apenas uma categoria ligada às contradições de quem detêm os meios de produção

e os que empenham sua força de trabalho, tornando-se uma categoria que reúne, também, os modos de vida. Bourdieu ([1979], 2007), por sua vez, apresenta “classe” como um conceito associados aos modelos de estilo de vida adotados por meio de códigos utilizados para demarcar uma posição no corpo social.

Porém, gostaríamos de destacar que a concepção de “classe” trabalhada em nosso texto ainda se baseia na visão marxiana de expropriação e exploração. Acreditamos que, assim como é abordado na reflexão de Angela Davis ([1981], 2016), “classe” vai além de uma percepção econômica e está presente em outras formas de opressão que provocam processos de marginalização. Quando a filósofa estadunidense associa “classe” aos componentes de “raça” e “gênero”, apresenta uma percepção totalizante importante sobre os modos únicos como a experiência de subalternização pode ocorrer. Como mulher negra, comunista, marxista e feminista, a ação realizada pela intelectual é apresentar uma perspectiva **unitária** a partir da abstração da realidade. Sua compreensão é **totalizante** sobre a vida como ela é em sua época, em que as condições materiais de existência definem seu lugar social.

Interseccionalidade

O termo “interseccionalidade” refere-se a uma abordagem analítica que se propõe a explicar opressões sociais, em especial as que se referem a gênero, raça e classe. Seu intuito é demonstrar como se dão certos padrões presentes no comportamento social oriundos das relações estabelecidas em diferentes marcadores sociais. A partir da intersecção de tais marcadores, são produzidas realidades opressivas particulares vividas por grupos não hegemônicos. Em outras palavras, a interseccionalidade visibiliza e articula as opressões vividas por indivíduos em subalternização, compreendendo que seus enfrentamentos estão inter cruzados e não podem ser dissociados, havendo o reconhecimento das experiências individuais moldadas pela interação de diferentes lugares sociais.

As origens do processo reflexivo que levou à conceitualização do termo provêm de diferentes intelectuais de movimentos sociais vinculados aos feminismos negros². Em 1851, Sojourner Truth proferiu um discurso provocativo na Convenção Nacional de Direitos das Mulheres (*National Convention on Women's Rights*). Ela, ironicamente, se pergunta: “e eu não sou uma mulher?” (TRUTH, [1851], 1996). O questionamento se baseia na forma como a sociedade não a tratava como mulher, nos padrões socialmente estabelecidos. Sua fala revela a necessidade de um olhar mais amplificado aos grupos que socialmente sofrem de diferentes maneiras, ainda que esses estejam integrados, como nas mulheres negras em relação ao feminismo encarado de maneira mais unitária.

A contestação desse ponto de vista é realizada por Sueli Carneiro (2011) que revela como, no contexto brasileiro, a mulher negra ocupou uma posição subalternizada. Afinal, a quem está estabelecida a posição de um “sexo fragilizado”? As formas que estabelecemos sobre os construtos sociais definem quem pode assumir determinado lugar social e quem é excluído.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhozinhos e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2011)

O Coletivo Combahee River (CCR) foi um grupo feminista negro formado por volta da década de 1970. Em 1977, publicou um manifesto no qual indicava que “a declaração mais genérica de nossa política atual é a de que estamos ativamente comprometidas com a luta

2 Colocamos os termos no plural em razão de sua diversidade de pensamento, uma vez que existem pontos que divergem no que diz respeito aos processos epistemológicos nas análises das diversas teorias incluídas nesse vasto campo intelectual. Ainda assim, buscamos certa centralidade para fins didáticos de compreensão do desenvolvimento do termo.

contra a opressão racial, sexual, heterossexual e de classe” (COMBAHEE RIVER, [1977], 2019). Este trecho revela a preocupação interseccional do CCR para um combate efetivo das opressões sociais estabelecidas.

É preciso notar que entre o final do século XIX e ao longo de todo século XX, o feminismo era pensado a partir de mulheres brancas que excluía a realidade vivida por mulheres negras. A falta de compreensão era uma “conveniente omissão dos problemas dessas trabalhadoras [brancas]” que “se mostrava uma justificativa velada [...] para a exploração de suas próprias empregadas [negras]”, o que revelava a falta de sensibilidade crítica do papel das mulheres brancas como opressoras (DAVIS, [1981], 2016, p. 124-125).

Ainda, apresentamos o ponto de vista de Lélia Gonzalez ([1979], 2020, p. 49-64) que realiza a seguinte afirmação: “a mulher negra anônima [é] sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família [e] é quem, a nosso ver, desempenha o papel mais importante” (GONZALEZ, [1979], 2020, p. 64). Suas palavras ilustram os desdobramentos relacionados aos processos de escravização de pessoas negras em território brasileiro, destacando o papel fundamental que mulheres negras desempenharam na construção do país. Estamos falando de quem teve sua força de trabalho roubada e empregada para o desenvolvimento das populações brancas escravizadoras e que, após seus serviços, deveria, ainda, cuidar de sua própria família.

Apesar de todas essas perspectivas incorporarem a interseccionalidade, a definição só seria feita em 1989, quando Kimberle Crenshaw (1989) publica um artigo em que discute como as mulheres negras tinham experiências singulares de discriminação. Para uma definição propriamente dita, podemos encarar a interseccionalidade como “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação” e “trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Classe, Raça e Gênero na vida de mulheres negras

Como apontamos no início deste artigo, é necessário abarcar uma visão unitária sobre a interseccionalidade. Por isso, apontamos três contribuições importantes para falarmos sobre a intersecção promovida entre raça e classe. A primeira é o trabalho de Cox ([1948], 1959), que aponta o processo de colonização europeu iniciado no final do século XV e início do XVI sendo base para o desenvolvimento primitivo do capital. Em segundo lugar, Césaire indica que “o problema do proletariado e o problema colonial” (CÉSAIRE, [1950],

2020, p. 9) são resultados dos processos de colonização, indicando um cruzamento entre as esferas de classe e raça, respectivamente. Por fim, Fanon ([1952], 2020) é um dos grandes críticos do capitalismo, uma vez que ele descreve como os processos de racialização estão atrelados de destituição de dignidade humana impostos pelos europeus em relação às pessoas racializadas.

O repertório de estudos por eles discutido diz muito sobre as condições materiais de existência da produção intelectual interseccional. As tentativas de dissociação entre o marcador social de “classe” e “raça” provocam uma invisibilização da importância de “classe”, ainda que tenhamos um quadro mais complexo que apenas uma visão simplista da relação entre proletariado e burguesia atualmente. Por “condições materiais de existência da produção intelectual interseccional”, falamos sobre a vida de quem está por trás dos textos, geralmente ignorada por uma suposta necessidade de afastamento entre o sujeito e seu texto. Para fins epistemológicos, apresentaremos alguns pontos importantes da vida de algumas das teóricas citadas em nosso artigo, incluindo, dessa forma, a categoria “gênero”.

Sojourner Truth foi uma mulher, negra, estadunidense, escravizada e viu a maioria de seus 13 filhos ser vendida. Angela Davis é ativista e luta pelo antirracismo, mas foi presa por conta de questões políticas atreladas ao seu empenho em tornar o mundo um lugar mais justo. Lélia Gonzalez foi uma das maiores intelectuais negras brasileiras, mas acabou falecendo ao sofrer um infarto do miocárdio. Ainda que sejam grandes intelectuais, a vida dessas mulheres tem um atravessamento de classe. As condições materiais de vida e de enfrentamento as enquadraram a viver uma vida com percalços que só poderiam ser vividos por elas, enquanto mulheres, negras e em nossa sociedade capitalista. Chamamos essa analítica de “enquadramento das condições de existência” para servir como ferramenta capaz de transpor o falso discurso objetivista científico rumo a inserção subjetiva na produção intelectual ao resgatar as condições materiais de existência que perpassam as vidas presentes no texto de quem pesquisa.

Interseccionalidade como ferramenta analítica

Patricia Hill Collins ([2000], 2019), ao perceber a profusão de inúmeras posições epistemológicas sendo acionadas pela intelectualidade feminista negra, elabora como é necessária a “valorização da conexão e do uso do diálogo como critérios de adequação metodológica” (COLLINS, 2019, p. 416). A capacidade das mulheres que fazem parte dos feminismos negros, em criar pontes dialógicas sobre assuntos que passam imperceptíveis para alguns outros grupos sociais, destaca a força da interseccionalidade como ferramenta analítica. Em outra obra, Patricia Hill Collins, em parceria com Sirma Bilge, complexifica a interseccionalidade em sentido metodológico, propondo uma analítica interseccional, apontando como a interseccionalidade pode ser ferramenta de compreensão do mundo e delas mesmas, enquanto pessoas (COLLINS; BILGE, [2016], 2020).

A aplicação analítica da interseccionalidade na teoria social aplicada pode ser vista na Comunicação através da Roleta Interseccional (RI), que se propõe “identificar as marcas,

os rastros destas avenidas de opressão que se revelam nas interações cotidianas, na comunicação midiática e nas representações discursivas” (CARRERA, 2021a, p. 9). Nessa artimanha metodológica, o principal objetivo é a busca pela igualdade, norte principal da teoria crítica marxista.

A RI é dividida em duas etapas. A primeira é a indicação de qual(is) atravessamento(s) é(são) mais relevante(s) em relação ao objeto ou ao sujeito comunicacional que está sendo analisado. De acordo com Carrera (2021b, p. 3), são oito as categorias fundamentais: gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência, peso, geolocalização e idade. Porém, assim como é indicado por Kathryn Pauly Morgan (1996), os eixos interseccionais estão sempre se atualizando e, portanto, encaramos ser possível ampliar o escopo ca-

tegorial com outros marcadores sociais. Enquanto isso, “a segunda fase é o estudo da complexidade que envolve cada marcador relevante para o objeto e de seus atravessamentos e interseções” (Carrera, 2021b, p. 3). A partir do esboço analítico proposto pela pesquisadora brasileira, apontamos para a necessidade de indicar os atravessamentos discursivos interseccionais na Comunicação, a serem descritos na seção a seguir.

**A dificuldade que
mulheres negras têm em
conseguir um emprego
que se encaixe as suas
qualificações é gigante.
E as dificuldades só
aumentam se você for
uma mulher negra com
ensino superior.**

Descrição metodológica

Partindo de Sampaio e Lycarião (2021), temos a Análise de Conteúdo como ferramenta analítica de publicações na página do Facebook do Geledés – Instituto da Mulher Negra³.

Fundado em 30 de abril de 1998, o Geledés é uma das organizações da sociedade civil que luta em defesa das mulheres e das pessoas negras no Brasil. A escolha desse objeto se dá por se tratar de uma das principais referências no que diz respeito à luta de mulheres negras no país e pela dinâmica da sua estrutura comunicacional, no qual se trata de uma página que replica conteúdo disponibilizado em sua página eletrônica⁴.

Coletamos, manualmente, 128 publicações no Facebook entre 30 de março de 2020 até 31 de dezembro de 2020, através da ferramenta de pesquisa da rede social digital. A filtragem da amostra seguiu os seguintes passos: 1) após digitar o nome da página analisada – “Geledés Instituto da Mulher Negra”, selecionamos a categoria “Publicações”; 2) escolhemos como “Data de publicação” o ano de 2020 e a fonte escolhida foi “Geledés Instituto da Mulher Negra”; 3) separamos e tabulamos os dados de todas as publicações no período indicado.

3 GELEDÉS. Facebook: geledes. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes>. Acesso em: 28 mai. 2023.

4 A pesquisa e os dados aqui apresentados englobam uma parcela das pesquisas que compreendem o processo para o doutoramento da autora deste artigo.

A tabulação de dados⁵ foi feita em planilha que continha, entre outras, as seguintes informações: 1) identificação de codificador; 2) data da publicação; 3) link da publicação no Facebook; 4) link externo; 5) tema da postagem. Categorizamos 20 temas distintos, sendo selecionado em nossa investigação o tema “Opressões Sociais Interseccionalizadas”, o qual reúne publicações que ocorrem “quando o debate da postagem versar as opressões sociais de gênero, raça e classe interseccionalizadas”.

Nossa análise se desdobra através da Roleta Interseccional (IC). Como atravessamento selecionado nas relações raciais, apontamos como “classe” aparece em conjunto com “gênero” e “raça” em publicações da página selecionada. Indicamos onde “classe” aparece nas questões interseccionais, demonstrando sua inseparabilidade no processo de opressão.

Classe na perspectiva interseccional e da totalidade nas publicações do Geledés

Selecionamos três publicações: a primeira fala sobre ser mulher negra⁶, a segunda é sobre a invisibilidade da mulher negra⁷ e a terceira discute o silenciamento das mulheres negras⁸. Essas foram as três primeiras ocorrências do tema “Opressões Sociais Interseccionalizadas”. Nossa busca por pistas em que “classe” aparece como marcador social que atravessa a realidade de mulheres negras deve aparecer discursivamente mediante categorias como: trabalho, renda, mercado, dinheiro, lucro, empresa. Há outras associações, tangenciais, como através da replicação ideológica na reprodução social.

Na primeira publicação, não temos nenhum indicativo de “classe” aparente no Facebook. No entanto, quando acessamos o link externo em que temos o texto de Fabiola Christovão Inacio da Silva (2020), a autora do artigo, para além das dificuldades da solidão da mulher negra – parte constituinte de boa parte das mulheres negras brasileiras, que sofrem por não conseguir estabelecer relacionamentos amorosos estáveis devido ao racismo –, há também o aspecto do trabalho como uma barreira a ser ultrapassada. Observemos no trecho a seguir:

Outra crueldade é o mercado de trabalho. A dificuldade que mulheres negras têm em conseguir um emprego que se encaixe as suas qualificações é gigante. E as dificuldades só aumentam se você for uma mulher negra com ensino superior. Se souber outro idioma é certo que irão te preferir ainda mais. O empregador – que obviamente é um homem branco em seus quarenta anos – até questionará como você conseguiu todas as qualifica-

5 Para a realização da Análise de Conteúdo, foi construído um Livro de Códigos, que pode ser visualizado no link: <https://docs.google.com/document/d/1j55pz3zgUyY6lDoQR41tF1qJzANJpmml/edit?usp=sharing&ouid=101261135833495031380&rtpof=true&sd=true>.

6 GELEDÉS. **Desde o momento do meu nascimento até meus derradeiros suspiros, estarei sozinha**. São Paulo, 20 abr. 2020. Facebook: geledes. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/posts/10156872453226816>. Acesso em: 28 mai. 2023.

7 GELEDÉS. é notório a forma como a voz de Adélia é silenciada durante a série e como ela estava sempre em degraus abaixo em relação aos outros personagens. São Paulo, 23 abr. 2020. Facebook: geledes. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/posts/10157126870181816>. Acesso em: 28 mai. 2023.

8 GELEDÉS. **O racismo opera em cada um de nós de formas distintas em cada espaço afetivo, interno e pessoal**. São Paulo, 28 jul. 2020. Facebook: geledes. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/posts/10157126870181816>. Acesso em: 28 mai. 2023.

ções e, se ousar fazer uma boa redação, perguntará a responsável pelo RH se a internet estava mesmo desligada quando da hora da prova de redação. (SILVA, 2020).

A descrição feita pela autora diz respeito às dificuldades enfrentadas por mulheres negras em que o racismo opera como justificativa que garante a inferiorização dessa parte da população. Como o acesso à educação de qualidade e de oportunidades profissionais foi sistemática e historicamente negado, existe uma mentalidade que permanece reproduzindo tal visão socialmente estabelecida. Isso implica que raça está associada à classe.

Na segunda publicação, não aparecem discursos sobre “classe” no Facebook. Porém, novamente, existem indícios no texto do link externo. Ao discutir sobre o seriado televi-

Como o acesso à educação de qualidade e de oportunidades profissionais foram sistemática e historicamente negados, existe uma mentalidade que permanece reproduzindo tal visão socialmente estabelecida. Isso implica que raça está associada à classe.

sivo *Coisa mais linda*, lançado pela Netflix em 2019, Luana Caroline Rocha Silva (2020) discute sobre o apagamento das questões raciais apresentadas na série, principalmente sobre a falta de soluções contra o racismo. Ao apresentar a personagem negra Adélia, uma das protagonistas da história, a autora descreve sobre sua vida ligada à esfera do trabalho:

Adélia é uma mulher negra e se formos observar de uma forma crítica é possível perceber que o papel exercido por ela é o mais comum entre as pessoas negras: moradora do morro, tem uma filha pequena, de início é mãe solteira e trabalha como empregada doméstica. Efetivamente esse perfil condiz com a realidade de uma mulher negra da época. (ROCHA SILVA, 2020).

As características descritas pela autora – “moradora do morro” e “trabalha como empregada doméstica” – dizem respeito à classe, uma vez que posicionam Adélia como contraponto às outras personagens do seriado, todas brancas. Elas não são “moradoras do morro” e não “trabalham como empregadas domésticas”. Assim, percebemos como, na produção discursiva da crítica exercida nesse texto, “classe” é acionada como marcador social relevante no atravessamento interseccional de mulheres negras.

Na última publicação, assim como nas anteriores, “classe” não aparece no Facebook, mas se faz presente na matéria externa na página eletrônica do Geledés. O texto escrito por Jéssica Luana de Castro Marinho discute sobre os silenciamentos impostos às mulheres negras. Em um primeiro momento, “classe” não aparece de maneira explícita em seu texto.

No entanto, vejamos o seguinte trecho: “a ideologia racista de uma estrutura é capaz de nos impregnar tão completamente que nos separa de nós mesmos e nos isola em pensa-

mentos que não nos pertencem, incorporados e normalizados na educação”. Ao falar que o racismo é uma estrutura, a autora está acionando a noção de racismo estrutural trabalhada por Almeida (2019). A reflexão do jurista brasileiro se baseia, entre outras questões, na relação de raça e classe e, dessa forma, este trecho apresenta o atravessamento da opressão de classe nos corpos das mulheres negras. Vimos, via Marx e Engels ([1845-1846], 2007), como a ideologia funciona e como ela está relacionada à questão de classe, sendo reprodução dos valores dos opressores dominantes.

Considerações finais

Ao longo de nosso artigo, visamos refletir sobre o marcador social “classe” como categoria analítica interseccional e de perspectiva totalizante na Comunicação. Através da apreciação de três publicações em que a interseccionalidade aparece como tema, investigamos como “classe” atravessa questões de maneira interseccional.

Nos três exemplos selecionados, vimos que “classe” aparece explicitamente em dois deles e transversalmente, através da categoria “ideologia”, no terceiro texto. Isso significa que, mesmo que não nos demos conta de sua relevância, quando falamos em opressões interseccionalizadas, ainda mais na questão racial, o marcador social de “classe” é um atravessamento associado à “raça” e “gênero” em produtos comunicacionais. Por essa razão, concordamos com Bell Hooks (2019, p. 30) em sua seguinte afirmação: “a luta de classes é indissociável da luta pelo fim do racismo”.

Referências bibliográficas

BANNERJI, Himani. Construindo a partir de Marx: reflexões sobre “raça”, gênero e classe. **Revista Direito e Práxis**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 2079-2101, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/63501>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BHATTACHARYA, Tithi. Como Não Pular a Classe: Reprodução Social da Força de Trabalho e Classe Trabalhadora Global. **Feminismo com Classe**, [S. l.], 2018. Disponível em <https://medium.com/feminismo-com-classe/como-nao-pular-a-classe-reproducao-social-da-forca-de-trabalho-e-classe-de-trabalho-global-bcea36904835>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo, SP: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Portal Geledés**, [S. l.], 06 mar. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-gener>. Acesso em: 28 mai. 2023.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, p. 1-22, 2021a. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>. Acesso em: 27 mai. 2023.

CARRERA, Fernanda. Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em Comunicação. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 1-19, 2021b. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5715>. Acesso em: 27 mai. 2023.

CÉSAIRE, Aimé. (1950). **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. (2000). **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. (2016). **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COMBAHEE RIVER, Coletivo. Manifesto do Coletivo Combahee River. **Plural**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 197–207, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159864>. Acesso em: 28 mai. 2023.

CONCEIÇÃO DOS SANTOS, Pedro Henrique. **O mito da publicidade antirracista ou sobre o capital de representatividade: por outra ética publicitária**. Tese (Doutorado em Mídia e Cotidiano) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2023.

COX, Oliver Cromwell. **Caste, class & race: a study in social dynamics**. New York: Monthly Review Press, 1959.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race na Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, Illinois, United States, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 28 mai. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, on-line, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 28 mai. 2023.

DAVIS, Angela. (1981). **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. (1952). **Pele Negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GELEDÉS. Facebook: geledes. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes>. Acesso em: 28 mai. 2023.

GELEDÉS. **Desde o momento do meu nascimento até meus derradeiros suspiros, estarei sozinha**. São Paulo, 20 abr. 2020. Facebook: geledes. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/posts/10156872453226816>. Acesso em: 28 mai. 2023.

GELEDÉS. **É notório a forma como a voz de Adélia é silenciada durante a série e como ela estava sempre em degraus abaixo em relação aos outros personagens**. São Paulo, 23 abr. 2020. Facebook: geledes. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/posts/10157126870181816>. Acesso em: 28 mai. 2023.

GELEDÉS. **O racismo opera em cada um de nós de formas distintas em cada espaço afetivo, interno e pessoal.** São Paulo, 28 jul. 2020. Facebook: geledes. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/posts/10157126870181816>. Acesso em: 28 mai. 2023.

GONZALEZ, Lélia. (1979). A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LUKÁCS, György. (1920). Consciência de Classe. In: LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARINHO, Jéssica Luana de Castro. Silêncios e rompimentos da mulher negra. **Portal Geledés**, [S. l.], 28 jul. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/silencios-e-rompimentos-da-mulher-negra/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

MARX, Karl. (1867). **O capital** – crítica da economia política: Livro 1 – o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (1845-1846). **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

MORAES, Livia. Relação entre universal, particular e singular em análises feministas marxistas: por uma ontologia integrativa. **Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 28.2, jul/dez, 2021, p.132-158.

MORGAN, Kathryn Pauly. Describing the Emperor's new clothes: three myths of educational (in-)equity. In: DILLER, Ann; HOUSTON, Barbara; MORGAN, Kathryn Pauly; AYIM, Maryann. **The Gender question in education**: theory, pedagogy & politics: Westview Press, 1996.

READ, Jason. A genealogy of homo-economicus: neoliberalism and the production of subjectivity. **Foucault Studies**, Frederiksberg, Denmark, n. 6, p. 25-36, fev. 2009.

ROCHA SILVA, Luana Carolina. Coisa mais linda e a invisibilidade da mulher negra. **Portal Geledés**, [S. l.], 27 jul. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/coisa-mais-linda-e-a-invisibilidade-da-mulher-negra/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de Conteúdo Categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SILVA, Fabiola Christovão Inacio da Silva. Minha cor chega primeiro. Reflexões sobre a experiência de ser uma mulher negra. **Portal Geledés**, [S. l.], 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/minha-cor-chega-primeiro-reflexoes-sobre-a-experiencia-de-ser-uma-mulher-negra/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

TRUTH, Sojourner. (1851). Modern History Sourcebook: Sojourner Truth: “Ain’t I a Woman?”, December 1851. **Fordham University**, [S. l.], 1996. Disponível em: <https://sourcebooks.fordham.edu/mod/sojtruth-woman.asp>. Acesso em: 01º fev. 2023.

Data do recebimento: 01/06/2023

Data do aceite: 25/06/2023

Dados dos autores:

Samara Sanches Brochado

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal). E-mail: samara.brochado@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2250-4114>.

Pedro Henrique Conceição dos Santos

Doutor em Mídia e Cotidiano pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense. Editor da Revista **Mídia e Cotidiano**. E-mail: pedrohenrique.cdossantos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2921-9861>.